

Estas meditações foram escritas pelo padre Pablo Lima para uma iniciativa de reflexão que teve lugar no dia 25 de março de 2018, Domingo de Ramos, na Basílica dos Congregados, em Braga, a convite do padre Paulo Terroso, reitor da basílica. As passagens do Evangelho foram dramatizadas pela voz do ator Miguel Guilherme, que se fez acompanhar do Quarteto Verazin, que executou a obra homónima de Franz Joseph Haydn.

---

*Apresentação*

**S**ete, nem mais nem menos. É habitual dizer-se que é o número da perfeição ou da plenitude; como os sete dias da semana (GN 2,2), os sete pães (MC 8,5) com que Jesus alimentou a multidão e dos quais sobraram sete cestos, os sete demónios que Jesus expulsou de Madalena, ou, ainda, as setenta vezes sete que Jesus ordenou perdoar (MT 18,32). Mas **Sete** não é apenas um número cardinal; sete significa em italiano *sede*, e sede não faltava a quem proferiu estas **Sete** palavras, tanta sede que até uma palavra é toda sobre ela. Mas porquê sete? Porquê se em nenhum evangelho aparecem **Sete** Palavras? De facto, é preciso juntar os quatro relatos da Paixão para obter este número. Feliz coincidência, ou talvez *Deus-cidênci...*?

**Palavras.** «Leva-as o vento» – diz o povo. Por isso *scripta manent*. Se forem escritas permanecem. E por isso quatro homens as escreveram. E milhares até hoje as leram, como nós nesta noite. Mas digamos a verdade: são muito mais e muito menos do que palavras... São gritos, são lágrimas, são gemidos e sussurros e algumas delas mal se conseguiram ouvir, certamente.

Estas **Sete Palavras** são chocantes quando as comparamos com outras Palavras de Deus; parece que o Senhor Omnipotente aprendeu outra linguagem e até mesmo a arte espiritual da *taciturnitas* (RB, VI), do permanecer em silêncio, do usar poucas e precisas palavras.

Penso no Sinai, nas *Aseret Há-dibrot*, as **Dez Palavras**, como lhes chama a tradição hebraica, ou os Dez Mandamentos, na tradição cristã. Foram dez, no alto dessa montanha enorme que é o Sinai, pronunciadas entre relâmpagos e trovões, escritas em tábuas de pedra.

Mas aqui são *logoi hepta*, **Sete Palavras** apenas, pela voz quebrada e frágil do Filho, abafada pela zombaria circunstante, já não escritas em pedra, mas na própria carne do Filho de Deus «que me amou e Se entregou à morte por mim» (GL 2,20), ditas no Calvário que de monte tem pouco – uma pequenina colina, uma elevação apenas...

E estas **Sete Palavras** são as **Últimas**. *The last but not the least*. As *Últimas*; mas, em ordem de importância, as *primeiras*. Porque no Calvário ficou tudo dito, porque quem quiser aprender o Evangelho basta que aprenda estas **Palavras**, a partir das quais todo o Novo Testamento foi escrito, porque **um Homem** quando está para morrer não diz banalidades, e mesmo o que parece banal torna-se eloquente por causa dessa hora derradeira.

E quem é esse **Homem** que pronuncia estas **Sete Últimas Palavras**? É **Cristo**. E soa melhor chamar-Lhe **Cristo** nesta hora do que **Jesus**... Aliás, chamar-Lhe Jesus, quando está pen- durado do madeiro, é quase uma piada de mau gosto. “Jesus”

significa “Deus salva”! Mas como pode Deus salvar com as mãos e os pés pregados ao lenho? Dessa forma, desarmado, é que **Jesus, o Cristo**, *salva*. Não quando realizava milagres, não quando caminhava sobre as águas, não quando ouvia os “hossanas”. Mas quando já não pode mexer as mãos para tocar os olhos do cego, as chagas do leproso, a cabeça dos Apóstolos... é quando Cristo salva.

E onde? Na **Cruz**. Estas **Sete Últimas Palavras** são pronunciadas no alto da **Cruz**. Nessa terra de ninguém: os crucificados eram levantados não porque fosse mais fácil! Tecnicamente seria mais fácil crucificá-los com os pés no chão e a visibilidade não ficava comprometida se eram postos em colinas ou fora das muralhas. Na verdade, ao pendurá-los entre o céu e a terra ficava claro que ninguém os queria! Nem a terra que os expulsava, nem os deuses que os não recebiam.

A **Cruz**, esse instrumento de quem Simone Weil afirmava, parafraseando Arquimedes, «dai-me uma cruz de apoio e levantarei o mundo!»<sup>1</sup>

Estas **Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz** são duras como pedras, suaves como uma carícia, doces como o mel,

.....  
<sup>1</sup> Simone Weil, *Carta a um homem religioso*, p.74.

amargas como uma lágrima, breves como um suspiro, longas como o madeiro...

E elas são as derradeiras **Palavras da Liberdade**. Não nos deixemos enganar pelas aparências: esse homem, o Filho de Deus, preso a uma cruz, é o Ser Humano e Divino mais livre de todos os tempos. Tão livre, tão livre que fez o poeta Moacyr Félix escrever aquele célebre diálogo de um filho com o seu pai:

«**“Meu Pai, o que é a liberdade?”** – É um homem morto na cruz/ por ele próprio plantada,/ é a luz que sua morte expande/ pontuda como uma espada.»

Irmãs e irmãos, amigas e amigos, todos vós aqui presentes. Perdoai-me, mas as minhas palavras para vós acabam por aqui. Doravante é ao Cristo, que nesta noite nos reúne, que me dirijo, e espero que, comigo, também vós encontreis palavras e notas musicais para responder às **Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz**.

*Oh, Homem e Profeta de Nazaré,  
abre os meus lábios nesta noite  
e permite-me que me dirija a Ti.  
Que os teus ouvidos oiçam  
as palavras que saem dos nossos corações  
e também o silêncio que em nós provocas.*